

# Ao lado do fogão à lenha

-Dona Teresa, como vai?

-Bem, seu Diolindo. Respondia a minha avó depois de dar uma baforada em seu cachimbo de barro, às vezes era de coquinho, que ela mesma fazia.

O velho Diolindo sempre ia na casa da Vó Tereza. Era costume dele ir à noite, sempre depois das vinte horas. Eles batiam um longo papo. Cada que ele aparecia por lá, sempre contava que tinha visto assombração pelo caminho. Fala com ar de pavor. Eu não ficava com medo, pois sabia que não passava de história. Muitas vezes eu passara pelos mesmos lugares à noite e nunca vira nada, senão animais noturnos (morcegos, corujas, cobras, etc...). Todos sabiam que o velho senhor visitava a minha vó porque gostava de “pitá”. Ele era membro dessas “igrejas” moralistas. Lá ia o seu Diolindo fumar escondido da sua seita e da sua família (Bem, a família sabia, mas fingia que não sabia. E como fingia).

A velhinha sempre dizia a ele:

-Como pode o compadre não viver como quer?. Que bom seria se as pessoas tivessem a liberdade de viver como quiser e não ter que esconder nada de ninguém?

Eu gostava muito de ouvir os dois, enquanto davam suas baforadas e tomavam café, ambos felizes contando as suas histórias misteriosas e de fantasmas, enquanto eu comia pipoca estourada com banha de porco. Eu era muito feliz. “Nunca pensei que a casa de minha avó um dia acabaria”. Mas acabou. Hoje somente doce lembrança viva na memória de quem teve que crescer.

THADEI, Dilmar Antonio



encontro com minhas

**Raízes**

